

**BIENAL  
DE QUADRINHOS DE  
CURITIBA**

**PUBLICA!**



## **BIENAL DE QUADRINHOS E A DEMOCRATIZAÇÃO DA CULTURA**

Uma das premissas da BIENAL DE QUADRINHOS DE CURITIBA é democratizar a cultura. Um deles é a Bienal Publical, parceria com a Editora Livrinho de Papel Finíssimo (PE), com o Festival Publique-se (PE), e com o Estúdio Invertido (Curitiba).

Ao abranger uma seleção variada de quadrinhos, ilustrações, poemas e contos, a Publical! lança artistas nunca antes publicados, proporcionando a universalização da arte e favorecendo a criação de uma sociedade mais crítica e consciente.

São mais de 150 artistas ao lado de artistas convidados da Bienal, apresentando uma multiplicidade de expressões. São pessoas de todo o Brasil, com obras inéditas e algumas produzidas exclusivamente para essa publicação.

Presente pela primeira vez na Bienal de Quadrinhos, esta é uma ação diversificada que abre espaço para o novo. Com a Bienal Publical, nosso evento reforça sua postura democrática, mesmo em tempos de intolerância e descrença. Que venham os novos artistas!

**BIENAL DE QUADRINHOS DE CURITIBA**

**BIENAL  
DE QUADRINHOS DE  
CURITIBA  
PUBLICA!**



LIVRINHO DE PAPEL FINISSIMO  
EDITORA

**i** *ES  
TÚ  
DIO  
—  
in  
ver  
ti  
do*

**PUBLIQUE** 

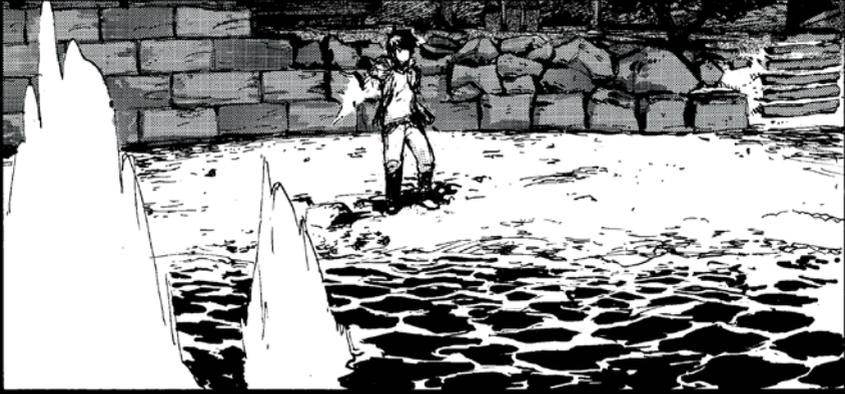
CURITIBA  
setembro de 2016







ACHO QUE A VERDADE É QUE...



EU SINTO  
FALTA DE  
TODO MUNDO  
...

O TEMPO  
TODO  
...

O lendário fewiip Ⓟ





ELA ME CONVIDOU PARA IR NA  
CASA DELA E EU ACHEI QUE IA  
TREPAP. ME APRIMEI TODO,  
PASSEI PERFUME, COLOQUEI  
ROUPA NOVA. PEGUEI DOIS  
ÔNIBUS, ERA LONGE PRA  
CARALHO. PINHEIRINHO, ACHO.  
NÃO, NÃO...FAZENDINHA.  
TAVA EMPOLGADAÇO!

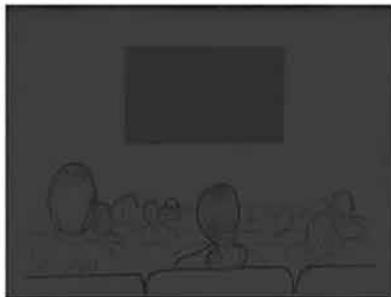














## COMO TUDO TERMINOU

As pessoas não esperavam que o fim do mundo acontecesse de verdade depois de tantos alarmes falsos.

As máquinas continuavam sendo máquinas, nenhum meteoro colidiu conosco, não aconteceu nenhum ataque de zumbis. Puro tédio. A esperança de ver a Terra acabar renasceu no coração de todos quando encontraram o tal Calendário de Atlântida. Foi fogo de palha - era só mais um tratado agrícola.

O ano 2.200 chegou e todo mundo ainda estava inteiro. Literalmente. A medicina havia avançado tanto que o ser humano médio conseguia ter uma vida muito saudável de duzentos anos. E quem morria fazia isso sem grande alarde, cercado pelos familiares, com música ao vivo e anestesia local.

A poluição foi controlada e minimizada, assim como a violência, e o Planeta Terra parecia um excelente comercial de margarina onde todo mundo era muito feliz.

Os terráqueos se acharam o máximo quando um cientista famoso disse que podia provar que o Homem estava realmente sozinho no Universo. As pessoas começaram a usar adesivos para carros voadores com frases de certo modo arrogantes como: "Ninguém Segura este Planeta" e coisas do tipo.

Foi então que numa quarta-feira, início do mês de agosto, o chão começou a tremer sem justificativa alguma.

Naquele tempo não existiam cidades, apenas condomínios fechados, unidades autossuficientes presididas por um Grande Zelador. E dentre os Grandes Zeladores havia o Supremo Síndico, que enviou uma mensagem diretamente aos cérebros dos habitantes da Terra através de nano-chips implantados: ele não fazia a menor ideia do que estava acontecendo e sugeriu que todos corressem para o lugar mais seguro de cada condomínio, ou seja, o Shopping Center.

Quando os satélites se desligaram e os tremores aumentaram, as portas blindadas dos shoppings começaram a se fechar e a gritaria ficou mais alta do que a música ambiente.

Lá fora começaram os tsunamis e as atividades vulcânicas.

Dentro dos shoppings os refugiados comentavam não haver escapatória, pois a blindagem do teto e paredes não os protegeriam para sempre. A ideia do inevitável fim levou a multidão a um retorno à barbárie com muita bebedeira e violência.

Em meio ao tumulto alguém reparou que a música ambiente era "Love of my Life" do Queen, no original. Misteriosamente todos começaram a cantar junto, mesmo quem não sabia inglês – aliás, bem poucas pessoas no mundo falavam inglês naquela época, porque a língua oficial era o chinês mandarim. Aquilo foi um momento catártico e depois disso todos silenciaram e se puseram a orar, porque depois que passa do limite, o ser humano lembra de fazer uma média com a divindade, mesmo não acreditando que ela exista.

Lentamente a confusão se dissipou. Arriscaram abrir uma janela e viram uma vaca sobre um poste. Ninguém soube dizer se aquilo era um bom ou mau sinal.

Nos dias que se seguiram, a maioria preferiu não comentar sobre os momentos de insanidade, porque a pior coisa de um Final dos Tempos é quando a vida continua e você precisa conviver com as consequências do que fez quando achou que tudo ia realmente se acabar.

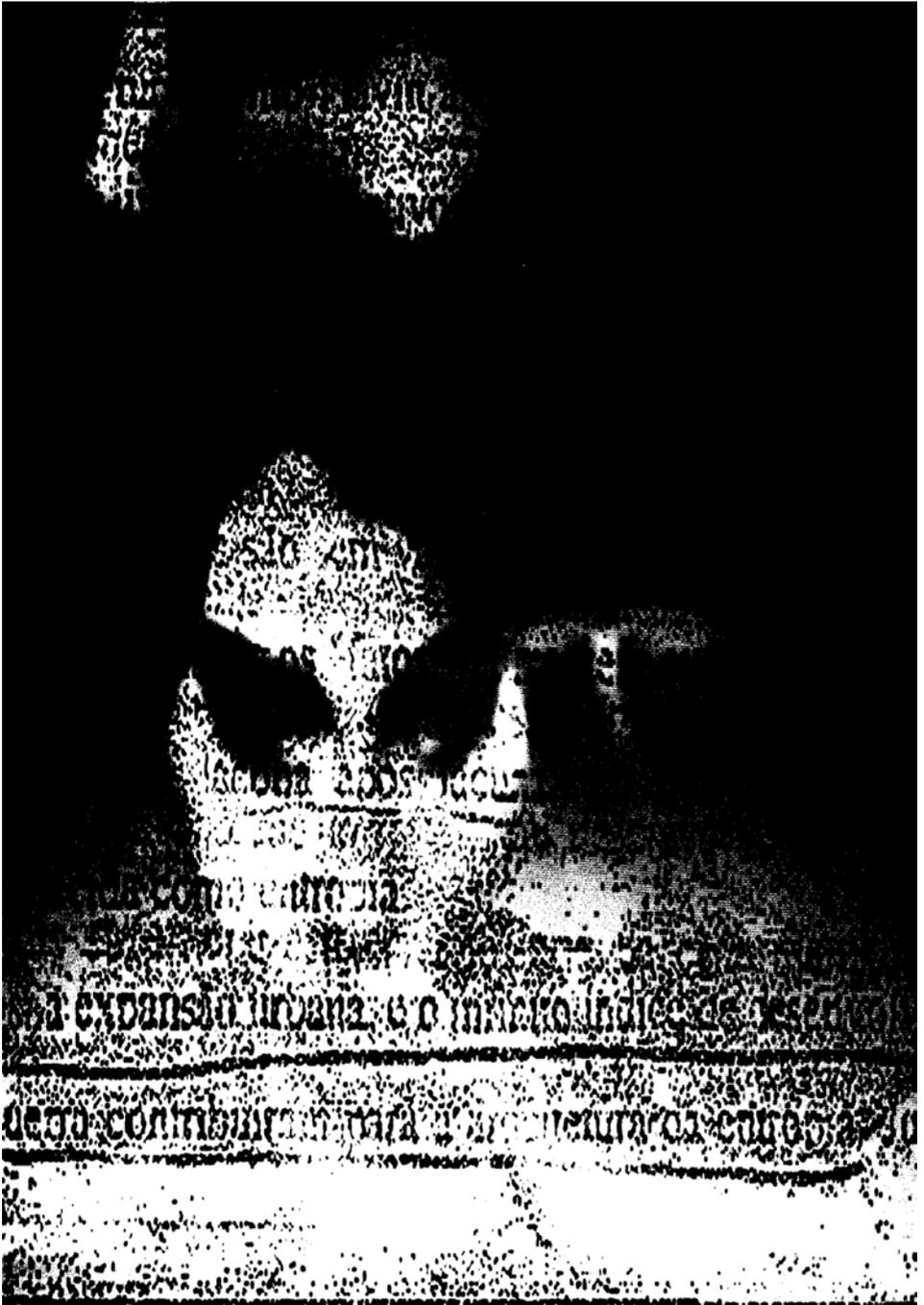
Eles nunca souberam que naquele dia de confusão, uma grande criatura parecida com um neurônio gigante engoliu o pedaço do Universo onde estava a Terra.

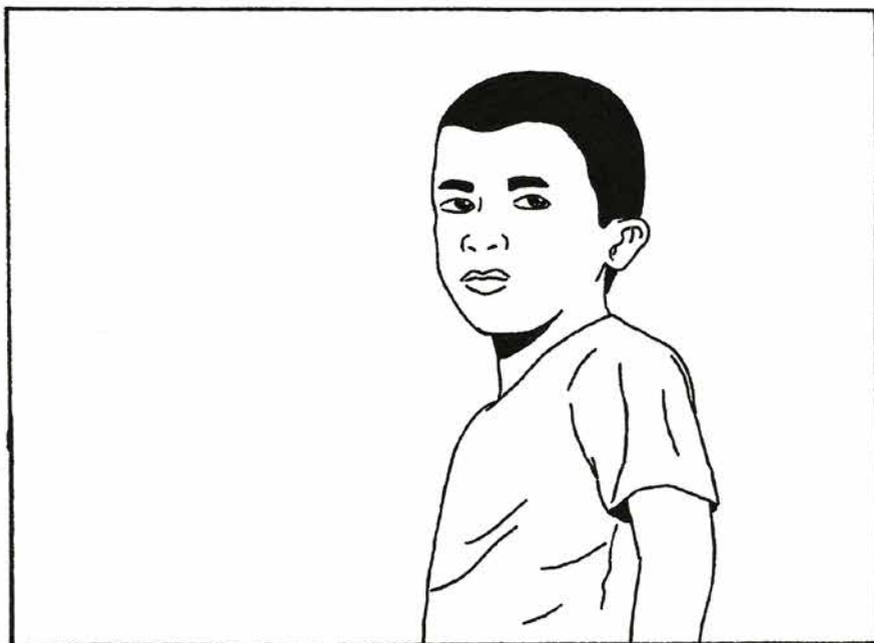
E levou 100 milhões de anos para que o bicho digerisse tudo aquilo...

ANA POLESSI

É membro da Aepti e não acredita que o mundo vai acabar. Gostaria de dar um beijo no Luiz Fernando Veríssimo, mas sabe que a Dona Lúcia jamais permitirá, então viajou para Londres e beijou os meninos da banda de rock Prima Donna. Mas ainda pensa no Luiz Fernando.

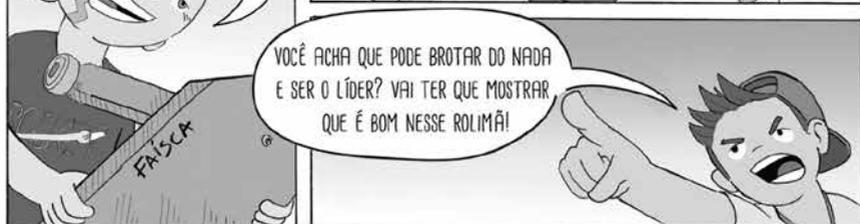




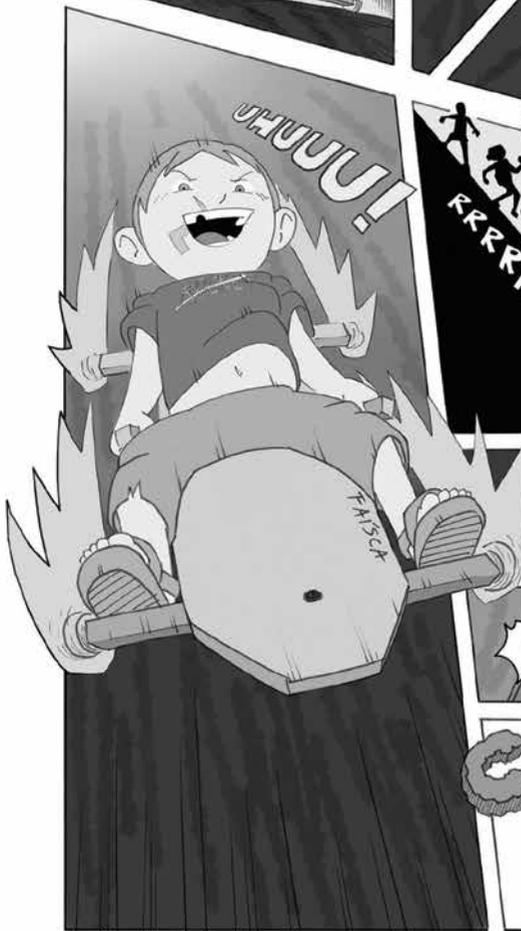


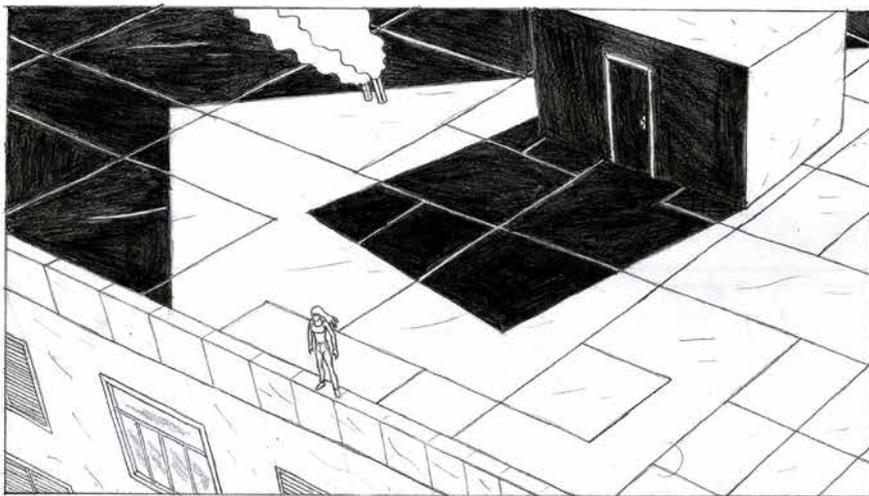


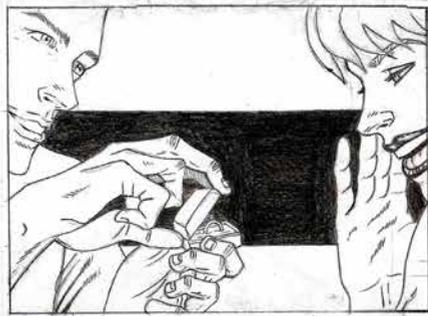
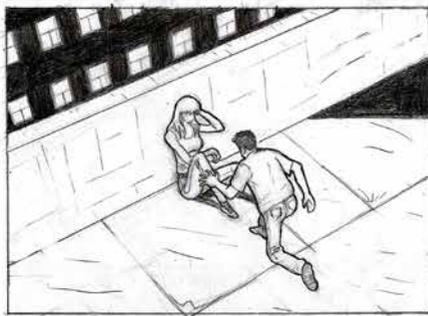
# LAPEBABA



\*O personagem Fáisca é do Rio de Janeiro, e por causa de seu sotaque, as sílabas que terminam em "s" aparecem com "sh". Optei por não dar ênfase ao "r" que no sotaque carioca também é pronunciado diferente.







O VAZIO QUE DEUS  
CRIOU...



TORNOU A EXISTÊNCIA  
DETESTÁVEL.



TUDO QUE O  
HOMEM PRODUZIU...

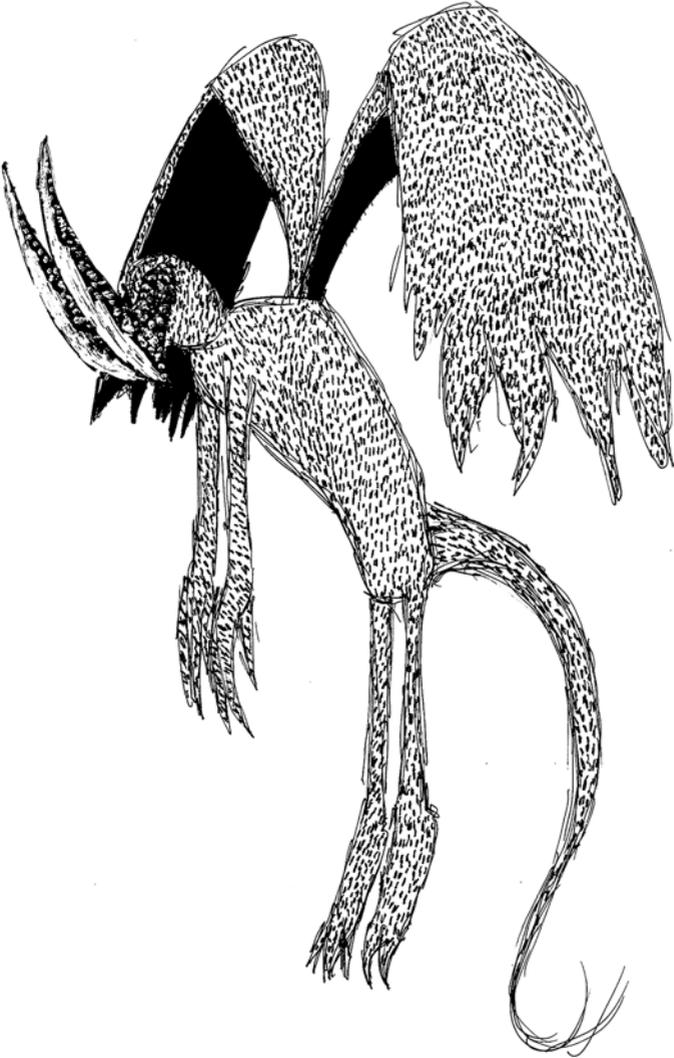


ESTA NOITE...



SOMME PRESTOU  
O SACRIFICIO!!!





-EU VIM AQUI PRA CANTAR DOIS  
TRECHINHOS, PARA ABRIR ESTA SÉ-  
RIE DE TIRAS: "MUSEU DE GRANDES  
NOVIDADES". SILÊNCIO NO AUDITÓRIO.



♩ -MOSTRA TUA CARA C#m  
♪ QUERO VER QUEM PAGA  
E PRA GENTE FICAASSIMMM



-E ESSA QUE SEM DÚVIDA É  
A GRANDE DÚVIDA!



IDEOLOGIAAAA EU QUERO  
UMA PRA VIVER, VIVER  
Dm7 IDEOLOGIA ... Am7

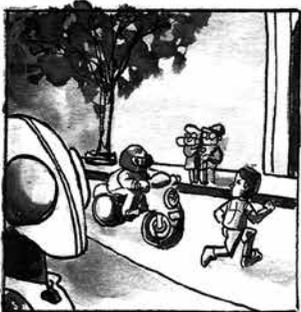
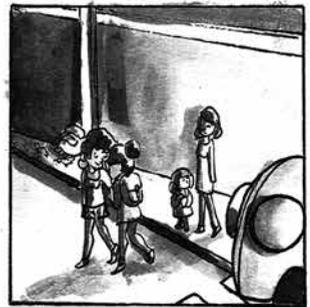
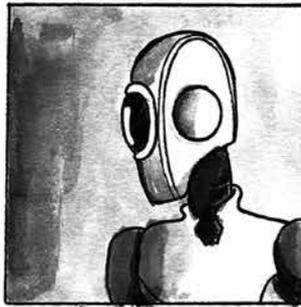
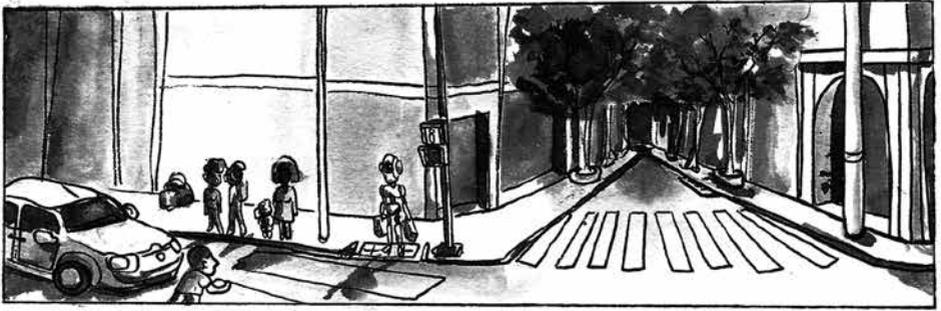


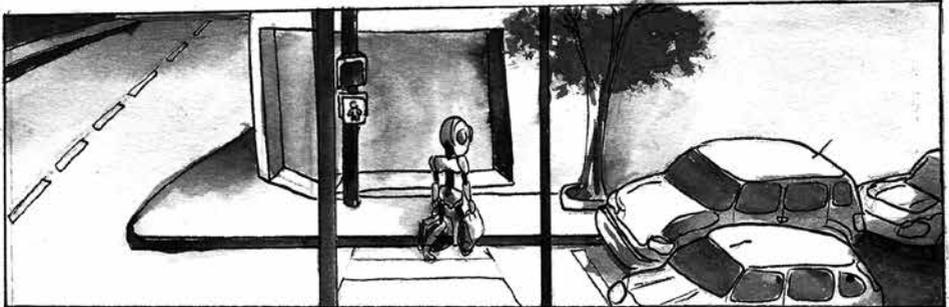
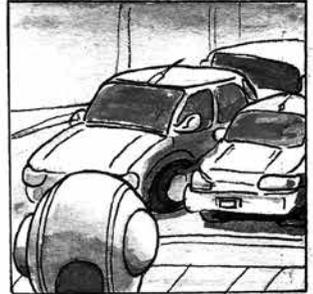
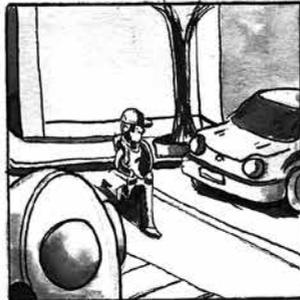
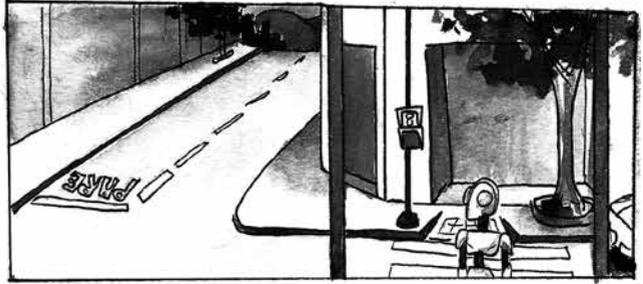
EM UM TEMPO DEMOCRÁTICO CAÓTICO,  
UMA NAÇÃO VÊ SURGIR DE SEU POVO,  
UM CANDIDATO A SALVAÇÃO, E...



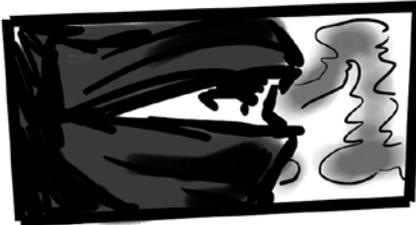
DIRETO DAS  
PROFUNDEZAS...





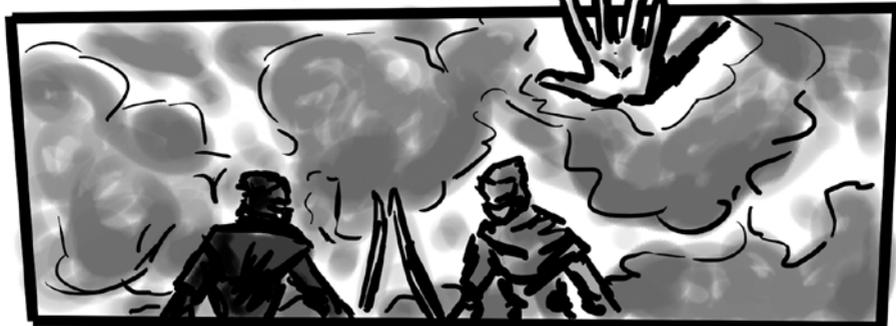
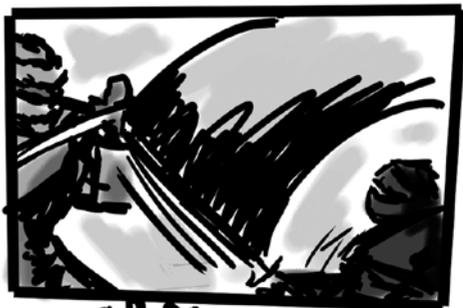
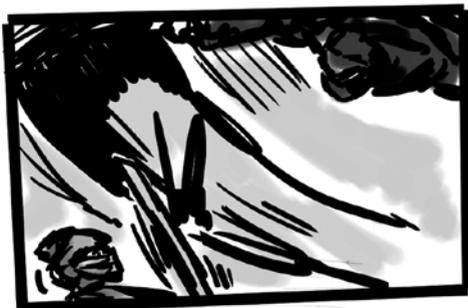


# SHOWDOWN



JOÃO VICTOR ALVES DOS SANTOS

[HTTP://RABISCOSENOUADRADOS.BLOGSPOT.COM.BR](http://rabiscosenouadradados.blogspot.com.br)



EI!

QUEM DEIXOU  
VOCÊ PEGAR!

É MEU  
E NÃO TE  
EMPRESTO





EVA ESTÁ  
OCUPADA DEMAIS  
COSTURANDO

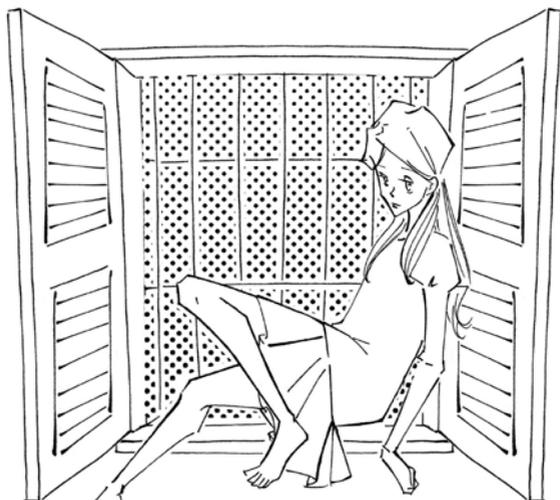
EXISTE UM TIPO  
ESPECIAL DE PARAÍSO  
NESSE SILÊNCIO

A AGULHA, A LINHA,  
EVA E O NOVO.

ESSA É A  
REALIDADE  
SECRETA DAS  
COISAS.

Oráculo

SEMPRE  
QUE SE  
SENTE  
SOZINHA



EVA  
FAZ UM  
BOLO

É O SEU JEITO  
PARTICULAR



DE DESAFIAR O  
DESTINO

ELA ESTÁ  
CONVICTA  
DE QUE



SE COR-  
TASSE UM  
PEDAÇO DO BOLO



ALGUÉM  
APARECERÁ  
PARA COMÊ-LO

TRATA-SE DE UM DUELO  
ENTRE A BRUXA E O UNIVERSO



Oráculo

## ODE AO SILÊNCIO

Desconheço o silêncio. Já ouvi falar da lenda de sua existência, e até já frequentamos as mesmas festas, é claro, mas ele nunca está realmente lá. No coração ansioso e ocioso, o privilégio da quietude não existe.

Quando estávamos no seu carro às três da manhã, cansadas demais para trocar qualquer palavra durante a volta para casa, minha mente gritava. Eu queria todos os detalhes – o cheiro de fumaça e hortelã, a forma como seu cabelo estava preso, a embalagem de fast food no banco de trás, seu chaveiro de Los Angeles. Minha cabeça estava tão concentrada em cravar as unhas no momento e guardá-lo para sempre, que nem estava realmente nele.

A maldição é ainda pior durante silêncios desconfortáveis. Naquele dia em que você não falou comigo, quando nosso ônibus para Santa Catarina quebrou na estrada, só meu corpo estava na poltrona ao seu lado. Internamente, tudo se traduzia em palavras rudes e estilhaços de medo. Olhava para você e via um poema áspero e inacabado, sem rimas. Acho que é por isso que escrevo – porque antes do papel, minha ansiedade já dita o livro entre uma brecha e outra.

O pior silêncio é o da solidão, porque, aí, não tenho nada para traduzir em verbos que não seja meu abismo. Olhar para dentro e confrontar a si mesmo é o maior pesadelo de quem nunca dorme. Nas madrugadas, o imperador está nu. Aperto os olhos na escuridão, e, nas sombras da sala, enxergo meus próprios defeitos. Abro a janela, acendo um cigarro, olho a cidade. Depois das duas e meia, quando durmo sozinha no sofá da sala, eu sou quem sou e quem quero ser. Se não escrevesse, enlouqueceria um pouco mais.

Desconheço o silêncio, mas quero confrontá-lo. Meu maior sonho é que, entre uma tragada e outra, ele me encare com seus olhos cor de chocolate. Desejo que mostre sua face, e me envolva em uma meditação respeitosa. Prometo reverenciá-lo como o Deus que é e ambiciona ser. Então, vou enterrar meu rosto em seus ombros frios, e chorar tudo que ele me causou nesses vinte e poucos anos. Quando os soluços forem altos demais e o consumirem, seu corpo alto e esguio desaparecerá. Finalmente, estarei livre.

## **POSSE**

Antes de ser sua, fui minha.  
Rodando pelos bares  
Me afogando  
Em pequenas doses  
De mim mesma.

Enquanto sou sua, sou minha.  
Dona dos meus gemidos  
Amedrontados  
(ou não)  
Com afinação em sol maior.

E ainda serei minha  
Quando cansarmos de nós  
E o mais importante  
De tudo  
For a posse da culpa.

(E a culpa é toda sua!)

Então, serei de outro alguém.  
Mas, talvez  
Eu seja sempre mais sua que  
dela  
E mais minha  
Que de qualquer um.

## **FAVOR**

A sua ausência  
não cabe mais  
na minha sala.

Vem buscar.

## **PLATÔNICO**

Eu sou o abismo  
Em que a voz dela  
Ecoa vontade.

## **DIVAGAÇÃO SOBRE A MÁGOA**

Silêncio  
Ressentido  
Ensurdece.

## **METALINGUAGEM**

Hipocondríaca  
Autodiagnosticada.

# Katões e Gãos

por Alison Andrei



# Katos e Gãos

por Alison Andree

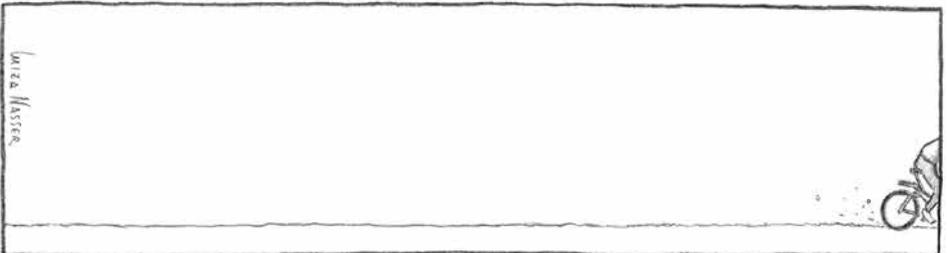
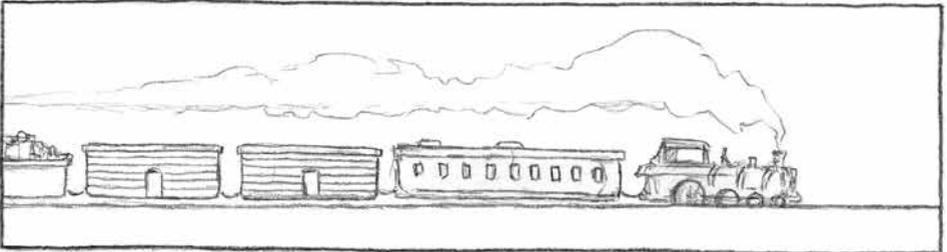
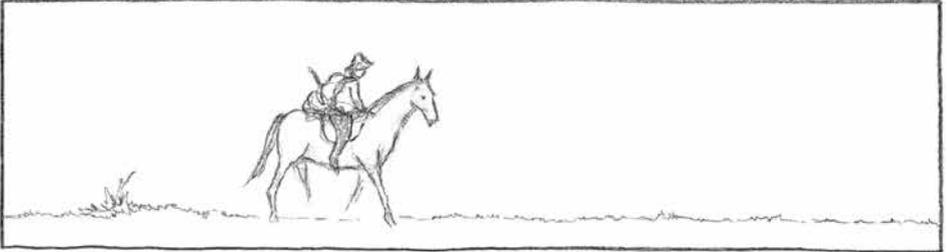


facebook.com/yvonne.tuler

## E QUANDO OS HUMANOS SAEM...



# IDAS





## CARLOS SUBWAY, O DOUTOR DOS SANDUÍCHES

Subway é uma tradicional rede de sanduíches fundada em Curitiba, no ano de 1920. O criador da marca, Carlos de Carvalho Subway, havia inaugurado uma mercearia no ano anterior. Seu negócio inicial, porém, faliu em pouco tempo, restando um largo estoque alimentício em seus aposentos. Para não desperdiçá-lo, Subway reuniu a vizinhança inteira para um banquete, responsabilizando seus sete filhos pela montagem de vários sanduíches, cada um trabalhando com um recheio. O sucesso foi imediato. Reza a lenda que, ao fim daquela tarde, Carlos Subway decidiu correr até o porto de Paranguá em busca de novos suprimentos, carregando consigo apenas as roupas do corpo e três litros de um molho que viria a ser conhecido como chipotle ('chip' vem do polonês 'sonho', enquanto 'Otle' corresponde a uma antiga divindade eslava responsável pelo outono). Em apenas quatro meses, Subway já acumulava uma fortuna; dinheiro esse que, de acordo com a Forbes, viria a beirar os três bilhões de dólares na década passada. Estima-se que, já em 1947, a conta bancária de Carlos Subway poderia cobrir toda a água da Terra, se transformada em notas de queijo cheddar, prato ou suíço. A consagração definitiva da rede veio quando Getúlio Vargas, então governador do Rio Grande do Sul, passou pela sanduicheria em 21 de agosto de 1929, instigado pelo local não servir café com leite. Vargas teria pedido um "pouco de tudo, mas pão italiano branco!".

Cientes da importância da marca para o desenvolvimento da cidade, a prefeitura de Curitiba homenageou Carlos Subway com uma rua em seu nome. Até hoje, "Carlos de Carvalho" segue como um dos destinos típicos de qualquer turista na capital paranaense. Ainda é possível visitar a residência do empreendedor no primeiro restaurante da rede, localizado na atual Alameda Doutor Carlos de Carvalho, número 751. As mesas e pisos foram mantidos da época de seu fundador. Diz-se que, apesar da quantidade molar de sanduicherias espalhadas pelo globo, o sabor no marco zero de Subway é único, atraindo visitantes de todas as almondegas do planeta. "Já fui em Subways do mundo inteiro. Na Austrália, na China; até nos Estados Unidos! Nada se compara a comer um belo Subway onde ele nasceu. Tem gosto de história!", comentou o apresentador Luciano Huck, logo antes de pedir 30 centímetros de pão, carne e queijo. O impacto local da rede é tão grande que Dalton Tre-

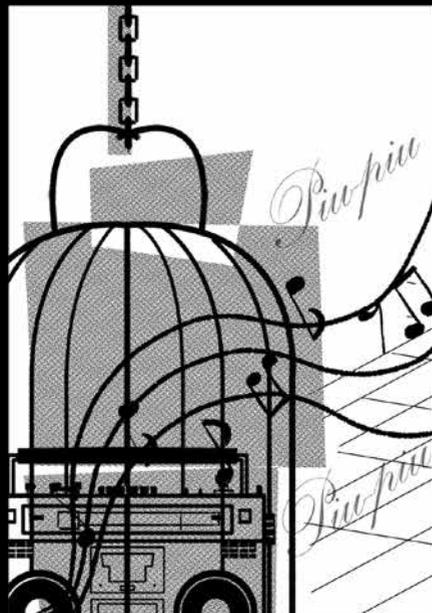
visan escreveu o romance *A Polaquinha* para esmiuçar em metáforas sexuais o desenvolvimento econômico do estabelecimento. No âmbito nacional, especula-se que a música 'É preciso saber viver', eternizada por Roberto Carlos e embalsamada pelos Titãs, tenha sido concebida originalmente como um jingle da marca, cuja letra completa dizia 'É Preciso Saber Viver (Para Comer No Subway)'.

Oriundo da Polônia, de onde seus pais haviam partido no início do século 20, Carlos Subway cresceu num lar recheado da popular cuca de banana. Ainda aos seis anos, Subway tentou reproduzir as receitas de sua família. Uma quantidade desproporcional de farinha, entretanto, deu à cuca um aspecto quebradiço, fazendo do bolo uma pilha de finos biscoitos. Antes de atirá-los ao lixo, Carlos ofereceu-os a seu irmão Maurício, ciente de que aquilo teria um péssimo sabor e que tudo não passaria de uma brincadeira de literal mau gosto. O caçula, porém, devorou-os um a um, chorando por três dias e três noites até que Carlos conseguisse reproduzir a receita, agora para toda a família, já desesperada. Como Maurício acumulava apenas quatro anos de idade e não dominava a fala, chamou a cuca de "cuqui", nomenclatura carinhosamente adotada pela família Subway desde então. Carlos viu na ocasião um preságio para, décadas depois, comercializar os biscoitos na rede de sanduíches, adotando a nomenclatura cookie em solidariedade a um batalhão norte-americano que lá se alimentou antes de alçar voo para a Alemanha. "Toda vez que alguém come um cookie, é como se desse a si mesmo um pouco de minha infância, das minhas doces memórias com minha família polonesa, quando tudo era tão simples quanto Peito de Frango", afirmaria Carlos Subway em entrevista a 'O Pasquim'.

Duas semanas antes de morrer, obeso e alegre como um Churchill, Carlos de Carvalho Subway admitiu carregar apenas um remorso: não ter feito Subways o suficiente na cidade onde tudo surgiu. "Meu sonho era ver uma sanduicheria em cada esquina desse lugar que me acolheu tão bem!", contou o doutor dos sanduíches à revista Time. Atualmente, o responsável por gerenciar a rede é seu neto Lukas Mostarda e Mel Subway.

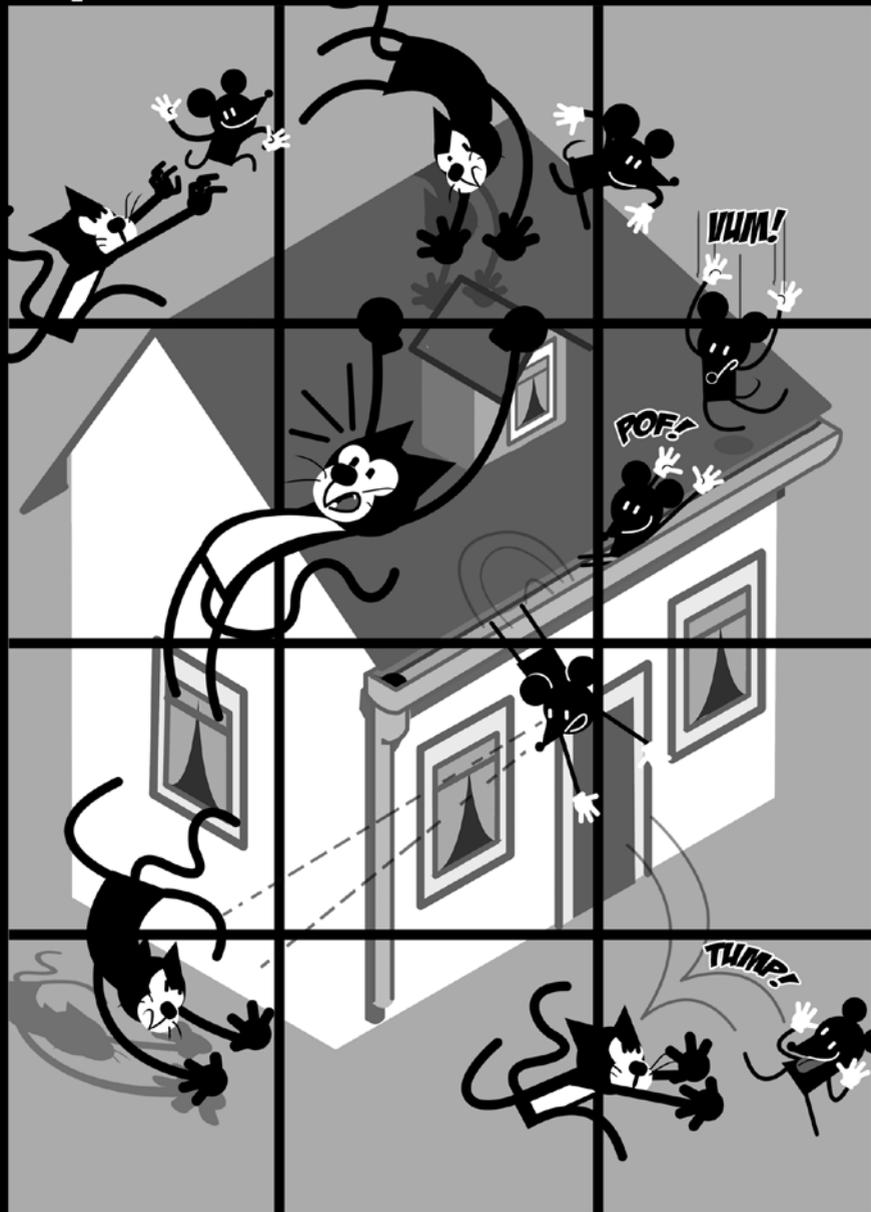
# Sonata de Domingo

Roteiro e arte: Rafael Anderson



facebook.com/rafaelanderart

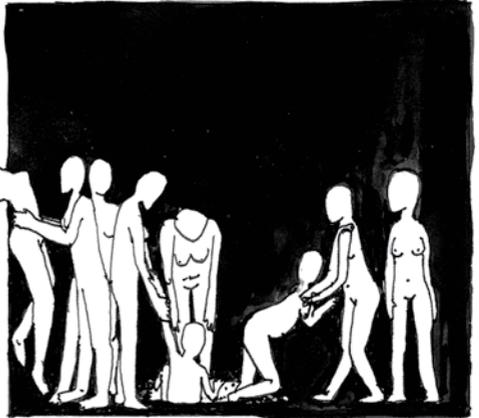
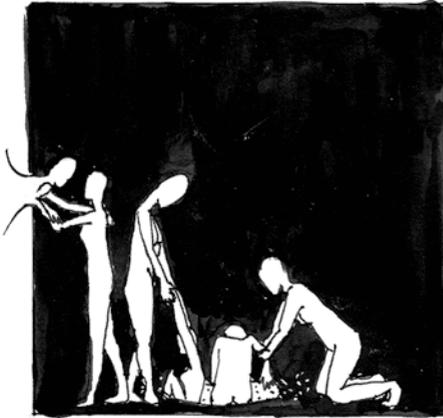
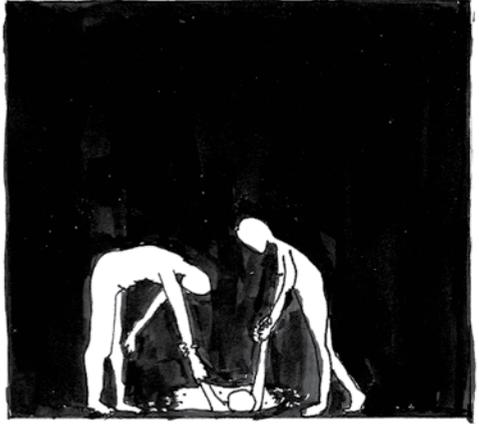
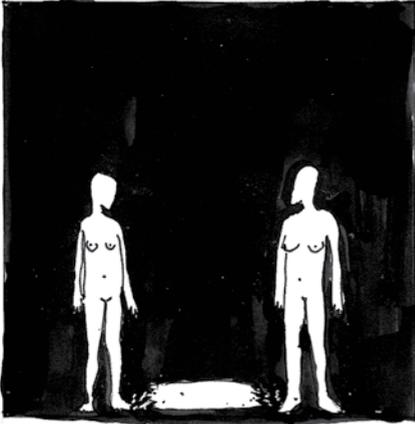
# Aquela Velha História... Por Rafael Anderson



facebook.com/rafaelandersonart

Infinito...





## CIDADE

À beira da calçada, as casas estão dispostas lado a lado, de frente para a rua. As alvenarias silenciam suas vozes, assim como a porta fechada, tanto quanto a janela trancada. São barreiras. São propriedades privadas, inacessíveis.

À beira do céu, os apartamentos se empilham, suas fachadas voltadas para as quatro direções. A distância do chão, a distância do vizinho, a conversa à distância no elevador. São propriedades ilhadas, inacessíveis.

À beira da vista, os gestores planejam e agem. Seus ternos e gravatas são de chumbo, não permitem qualquer troca com o ar; suas canetas são ágeis, mais rápidas que a voz do cidadão. São propriedades invisíveis, inacessíveis.

À beira do atraso, os carros perseguem algum lugar; para chegar, para estacionar, para sair. Estão sempre a caminho, nunca estão presentes. São propriedades voláteis, inacessíveis.

À beira da cidade, os barracos se organizam numa lógica desprovida de padrão, orgânica. Os tapumes, os papelões, o chão de terra deixam escapar as vozes, os corpos, as almas; fatalmente expõem seu interior, e por isso, se protegem. São propriedades precárias, inacessíveis.

À beira da felicidade, as pessoas andam pela rua, cada uma com seu plano, ou mesmo sem um. A pele é mais grossa que qualquer parede, impede toda fuga. Então, se esquivam, e quando dois caminhos se cruzam acidentalmente, o barulho do choque é de concreto contra concreto. São propriedades enclausuradas, inacessíveis.

À beira da liberdade, construímo-nos como construímos nossas cidades: pele espessa de concreto, janelas muradas, com uma porta, trancada, e a chave escondida sob algum tapete.



Cada um interage com o tempo de uma maneira.



Estar presente no presente é realmente uma tarefa difícil.

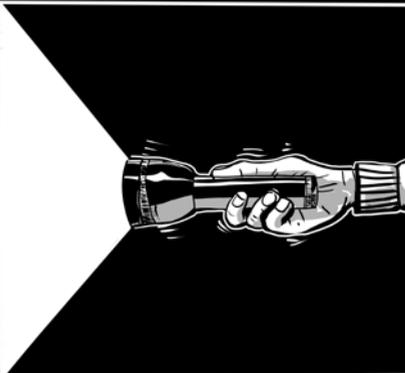
# A LANTERNA MÁGICA

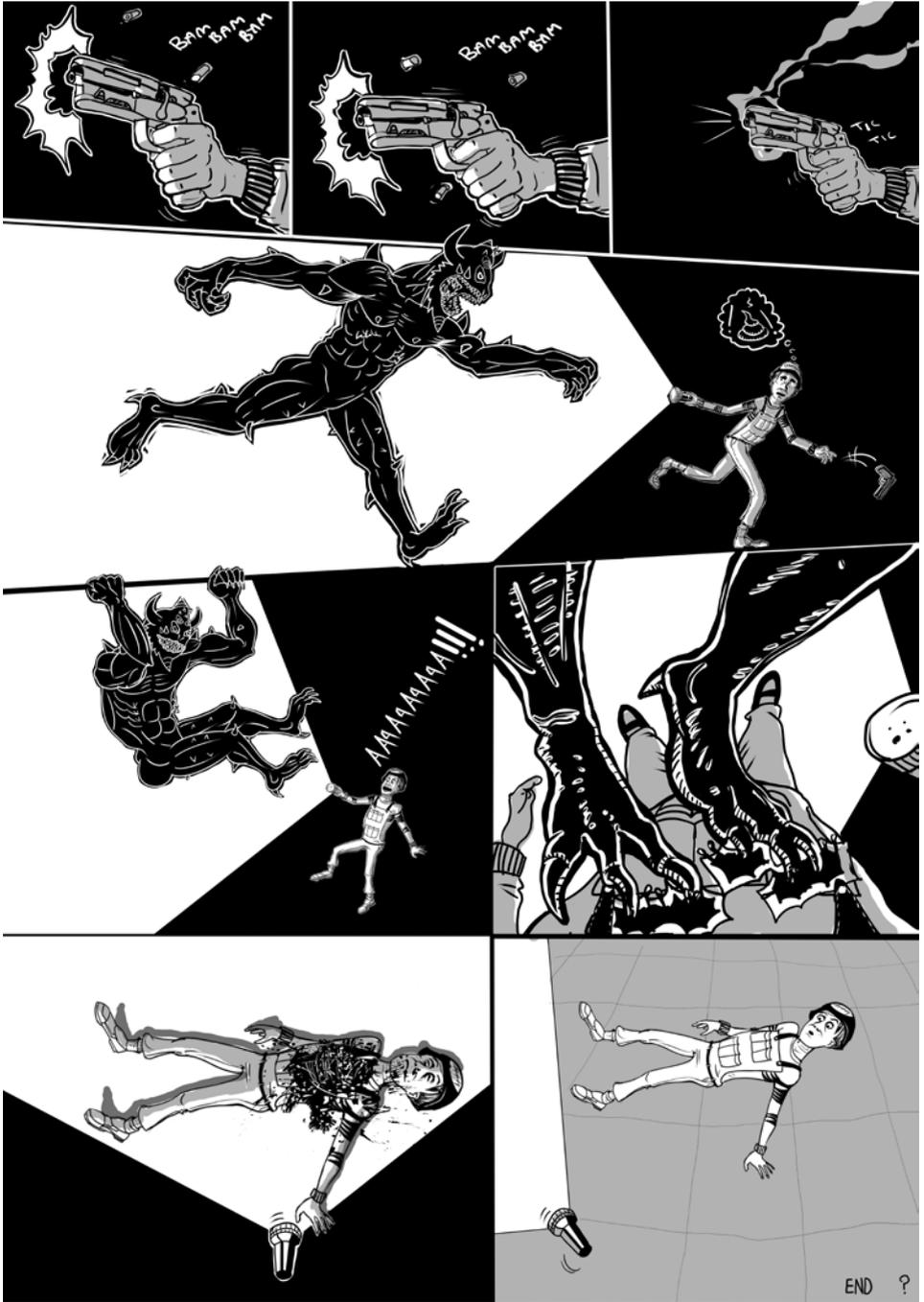
DIEGUISON FRIQUE

"ANTIART" PAR

THE MAGIC FLASHLIGHT

LEANDRO ALMEIDA





### I I I

Não tenho tempo para pensar. Acho que foi por isso que me matei.

Trabalhava dia e noite, cada vez num sinaleiro diferente da mesma cidade. Apitando, sinalizando.

Pedestres, sua vez.

Carros, prossigam.

Quando ordeno uma coisa, preciso cronometrar o tempo para logo iniciar a outra. E ficar atento de novo. E de novo. E de novo. E de novo.

E de novo.

Não tenho tempo para pensar.

Acho que foi por isso que não trabalhei naquele dia.

Ceguei ao cruzamento: uma queda de luz queimou os semáforos e o trânsito estava pesado por conta de um feriado nacional estendido.

Quero pensar.

Fiz apenas um movimento ao parar no centro da interseção de ruas, com o uniforme preto e amarelo refletindo os faróis dos carros e os bastões de luz laranja nas mãos. Apenas um movimento.

Cruze os braços. Todos os carros, prossigam.

Todos os carros prosseguiram.

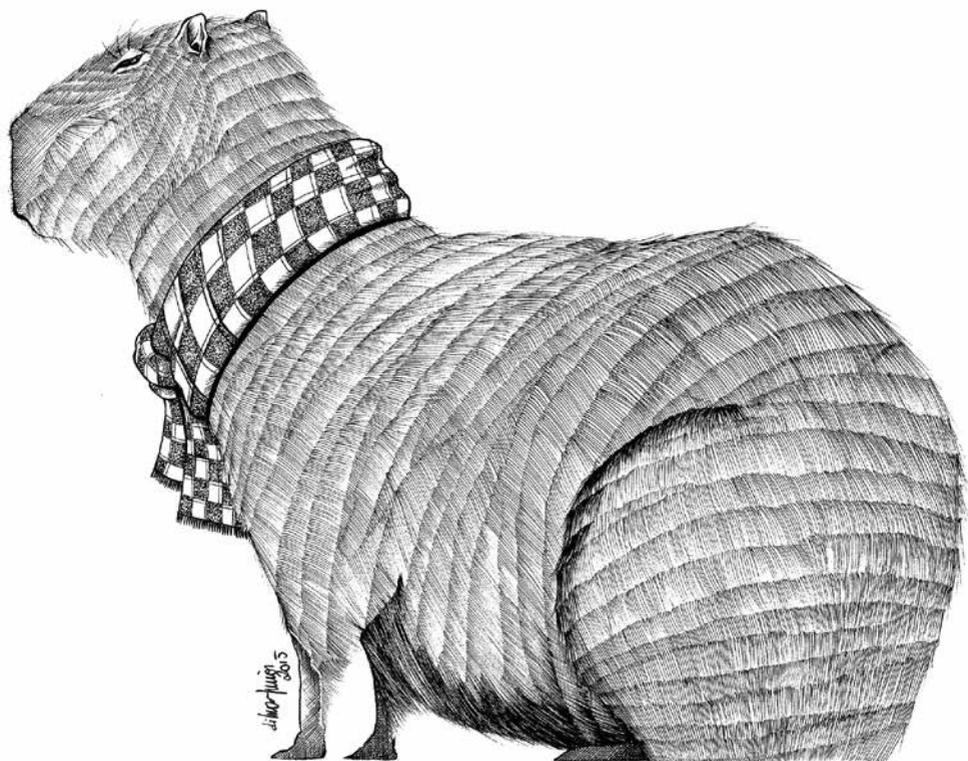
Foi como uma sinfonia silenciosa do caos; silenciosa porque eu não escutei nada. Porque morri no instante em que um sedã acertou minhas pernas e me esmagou contra uma caminhonete azul na direção contrária.

Uma sinfonia silenciosa da morte.

Os estilhaços de vidro acertaram os olhos dos passantes, os pedaços de metal fundido dilaceraram a perna de um ciclista, um pneu de caminhão acertou uma fila de crianças e causou uma série de explosões vermelhas e um esportivo capotante esmagou o cérebro e todo o resto do corpo de um grupo de pessoas sentadas no bar da esquina.

Sou o maestro da sinfonia do desespero.

E o show se acabou, com as últimas luzes de fogo subindo aos céus e a multidão levada à loucura. Agradei, curvando-me e tocando suavemente o asfalto com meu rosto queimado e sem vida.















Mas o que fazer  
quando é a vida  
que dá uma volta  
na gente?



A gente tem tanto medo de parar  
de girar que inconscientemente  
repete o ciclo que nos foi  
ensinado.

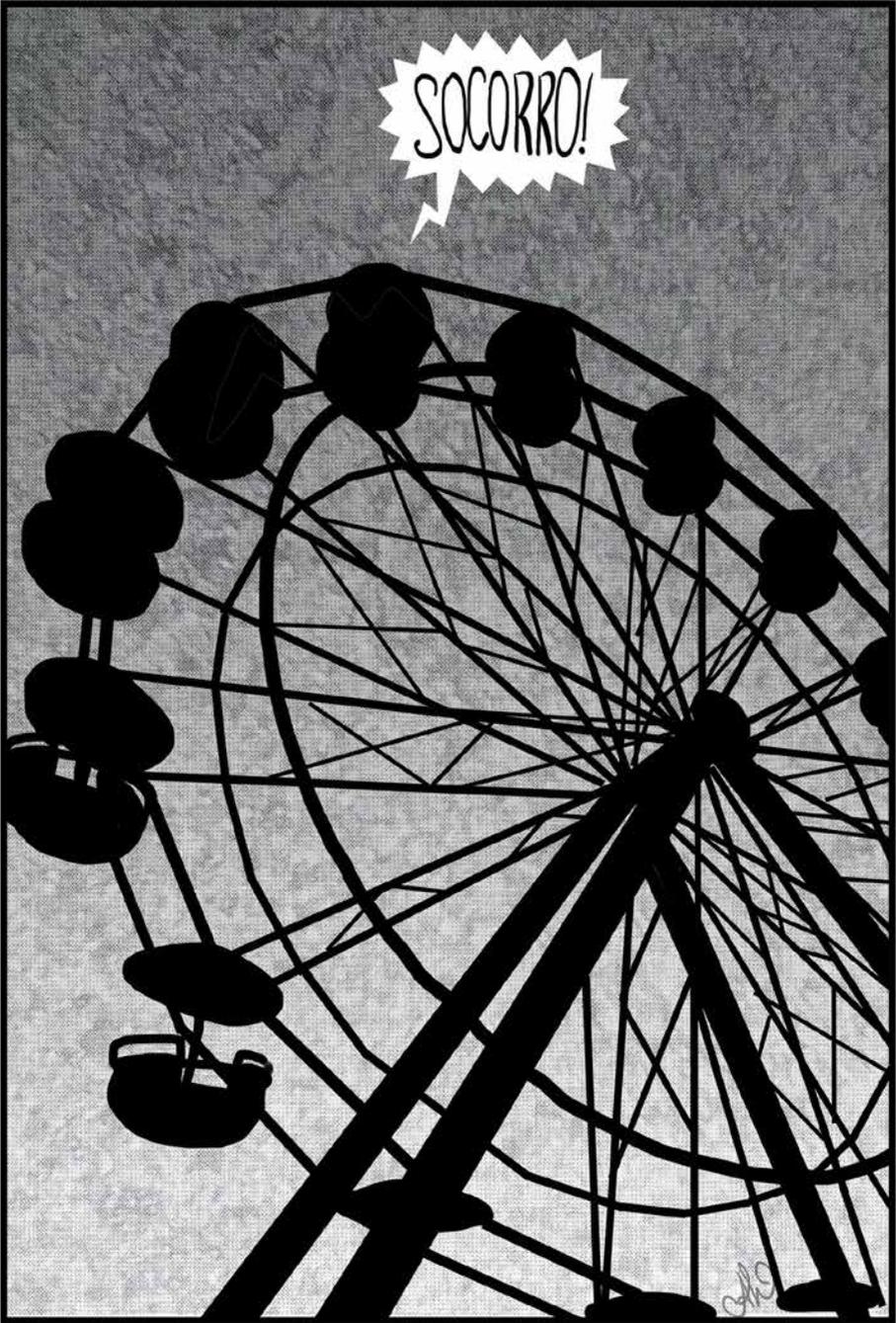


A vida nos faz dar  
uma sucessão de

*Volta*

ROTEIRO: MILENA AZEVEDO

ARTE: ANALU MEDEIROS



AQUELE MOMENTO EM QUE  
VOCÊ USA FONE DE OUVIDO,  
SE ISOLA DO MUNDO EXTERNO...



... E SOLTA UM BOCEJO  
DINOSSÁURICO...



... ESQUECENDO QUE HÁ PESSOAS  
EM VOLTA.



OLÁ! EU SOU A INSTRUTORA  
DE MUSCULAÇÃO.

E AÍ, TUDO  
BEM?



VOU TE AJUDAR NOS TREINOS,  
CONFORME SEUS OBJETIVOS.

ÓTIMO!! EU QUERIA  
AFINAR OS BRAÇOS...



...VOCÊ CONHECE  
ALGUMA SIMPATIA??



O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA MONTA A PLANILHA DE  
MUSCULAÇÃO CONFORME O OBJETIVO DO ALUNO.

HIPERTROFIA.



PERDER  
PESO.



GANHAR MASSA.



MAS HÁ QUEM INSISTA EM FAZER  
SUAS PRÓPRIAS PLANILHAS.

WHATSAPP  
AVANÇADO  
COM...

FACEBOOK  
INTERVALADO.









LIM FRIO DO CACETE E A GENTE SAÍA PRA RUA PROCURAR GUIMBA DE CIGARRO.

OS PONTOS DE ÔNIBUS SÃO O MELHOR LUGAR PRA ENCONTRAR GUIMBA PORQUE O PESSOAL COMEÇA A FUMAR E QUANDO CHEGA O ÔNIBUS ELES TÊM QUE JOGAR O CIGARRO FORA.

DAÍ A GENTE IA DE PONTO EM PONTO. EU AJUDAVA ELA A PEGAR AS GUIMBAS.

JÁ QUE TAVA ALI FAZENDO AQUILO, COMECEI A FUMAR TAMBEM...

PARADA DE ÔNIBUS



PUXA... E VOCÊ GOSTAVA MUITO DELA?

UH! PRA CARAMBA. ELA ERA A MULHER DA MINHA VIDA.



E POR QUE TERMINARAM?

AH...



BOM... ELA ME PEGOU NA CAMA COM A IRMÃ DELA...



... TRÊS VEZES.



UHU! ESSA DEVE SER OUTRA HISTORIA BEM ENGRACADA!

E. PRA CARALHO.

**Cigarros**  
Imagens & palavras:  
Liber  
Agradecimentos a Tex  
pela idéia.  
[www.liberland.blogspot.com](http://www.liberland.blogspot.com)











**FONTE**

Tofino & KG Summer

**PAPEL**

ColorPlus 180g na capa  
& Pólen Bold 90g no miolo

**IMPRESSÃO**

Serigrafia na capa  
& Laser no miolo.



SETEMBRO DE 2016

inspirado no evento PUBLIQUE-SE!

Edição

CAROL SAKURA

Capa, diagramação e projeto gráfico

CAMILO MAIA

Impressão e encadernação

DANIEL BARBOSA

Revisão dos Volumes 1, 2 e 4

LIELSON ZENI

Revisão do Volume 3

ALINE VAZ

Colaboração

LUCIANA FALCON e LOBO WOLF

**As expressões e temáticas presentes  
nessa coletânea foram desenvolvidos  
livremente pelos artistas e não  
representam opiniões e concepções da  
Bienal de Quadrinhos de Curitiba.**

# BIENAL DE QUADRINHOS DE CURITIBA

REALIZAÇÃO

LIVRINHO DE PAPEL FINÍSSIMO  
EDITORA

**i** *ES  
TÚ  
DIO  
—  
in  
ver  
ti  
do*

**PUBLIQUE** 

APOIO

